

A PSIQUE E SUAS CONFIGURAÇÕES NO MUNDO OCIDENTAL

Dilson Brito da Rocha*

Resumo: Neste estudo temos o objetivo de explicar como é configurada a psique, tomando como exemplo sua configuração no homem e na mulher e suas peculiaridades. Neste senso, poder-se-ia aferir que, existem dois modos de proceder, quais sejam, a via lógico-racional e a via sentimental ou erótica. De todo modo, a cultura ocidental sempre preferiu navegar pela via racional, desprezando a relevância do irracional, do inconsciente, que é a única maneira de acessar a loucura, que, por seu turno, propicia a criatividade, o enamoramento e o amor. Outrossim, urge uma reeducação, a fim de se possa reconsiderar a loucura em sua importância devida.

Palavras-chave: Psique; racionalidade; erotismo.

Abstract: In questo studio ci proponiamo di spiegare come è configurata la psiche, prendendo come esempio la sua configurazione nell'uomo e nella donna e le sue peculiarità. In questo senso si potrebbe affermare che esistono due modi di procedere: quello logico-razionale e quello sentimentale o erotico. In ogni caso, la cultura occidentale ha sempre preferito percorrere la strada razionale, trascurando l'importanza dell'irrazionale, dell'inconscio, che è l'unica via per accedere alla follia, la quale, a sua volta, fornisce creatività, infatuazione e amore. Inoltre, è urgentemente necessaria la rieducazione affinché la follia possa essere riconsiderata nella sua giusta importanza.

Keywords: Psiche; razionalità; erotismo.

INTRODUÇÃO

À guisa de introdução, poder-se-ia asserir que o amor e o ódio não são dimensões diferentes. Eles são distintos apenas quando tomados desde o ponto de vista da razão. Para a razão o amor é o oposto do ódio. Malgrado, desde o prisma do sentimento falamos de uma unificação entre os dois. Designa que, não há um amor puro, assim como não há um ódio puro.

Tem-se que, o amor, pensando precisamente no homem, é tido como uma possessão. Tendencialmente, o homem percebe a mulher com quem convive não assente com a alteridade. Ocorre que, o outro é um outro, e somente podemos amar o outro se esse é realmente um outro. Isso é muito difícil para os homens, já que têm dificuldade de

* Doutorando em Psicologia na UNESP/Assis; Mestrado em Filosofia pela UNESP/Marília; Mestrado em Teologia (Filosofia Patrística e Filosofia Escolástica) pela PUG/Roma, Itália; Graduação em Psicologia pela FIB/Bauru; Graduação em Filosofia pela UNIFRAN/Franca; Graduação em Teologia pela UNISAL/São Paulo; Docente nas Faculdades Integradas de Bauru (FIB). E-mail: dilsondarochoa@gmail.com

perceber o outro como realmente um outro, isto é, diferente dele mesmo. Deste modo, não consentindo a alteridade, mas a possessão, não é capaz de gerir aquilo que foge da possessão. O outro, neste caso, está sob o regime da possessão, ou então é suprimido (Dantas, 2000, p. 35).

Não conceber o outro como um outro, que é verdadeiramente um outro, é o motivo pelo qual o amor se estingue. A única razão pela qual se pode estar junto com uma mulher é que esta mulher tenha sempre algo além daquilo que o homem entende, pois, quando um começa a falar e o outro sabe em que acabará o amor já findou. Pois, a configuração do amor é o segredo do outro. Significa não exaurir aquilo que o outro representa ou oferece. Mas onde não há alteridade é absolutamente inútil pensar na possibilidade do amor.

A segunda coisa a ser considerada é o poder de vida e de morte da mulher, considerando aqui a disposição biológica da gravidez, na qual a mulher pode dar à luz ou interromper a vida. Esse é um poder absoluto, uma prerrogativa peculiar também aos reis. Quando na Idade Média o rei previa que a moça ia se casar deveria passar a primeira noite com ele (o soberano), dizendo respeito ao direito da primeira noite (*jus primae noctis*). Isso não queria dizer respeito ao ato sexual puramente, mas era, *a fortiori*, uma razão de princípio.

Esses eram dois poderes absolutos que se confrontavam, ou seja, o poder do rei, o poder da produção, dizendo respeito à produção de bens que garantiria a vida da tribo, da cidade, e a mulher, no que lhe concerne, era responsável pela reprodução. Então, o símbolo da *jus primae noctis* era um sinal de que não deveria re-produzir além daquilo que poderia manter. Logo, entre a mulher e o rei havia esse poder comum. Ambos tinham um poder absoluto. (Ullmann, 2003, p. 105, grifo nosso).

Esse poder absoluto é genético. Isso pode induzir a uma fantasia na mulher, que é aquela de querer mudar o homem. É impossível mudar o homem, pois nele há um recurso muito restrito de psique. E a mudança só é possível no nível psíquico. Mas a psique no homem é atrofada, elementar. A onipotência (fantasia) feminina à qual nos referimos se deve ao fato de que, como ela é segura de poder gerar ou pôr um fim à vida, então, baseada neste poder absoluto, ocorre de ter a imaginação de poder mudar o homem. Não diz respeito à bondade, mas é onipotência ou presunção da mudança masculina.

AMOR E PSIQUE

Temos que, Amor e psique não é um mito que entusiasma, pois é um mito helenístico. O helenismo é a decadência da greccidade, ou melhor, é o momento em que a greccidade não é mais greccidade, pois é conquistada por Roma, e os romanos são um povo muito masculino, que são capazes apenas de fazer estrada e guerra, com um vocabulário elementar. Pensemos que o latim tem somente quatro mil palavras, enquanto o grego tem oitenta mil. E como podemos pensar baseados no número de palavras que possuímos, uma vez que ninguém pode pensar além das palavras que possuem, o pensamento dos romanos era pobre. Então, amor e psique não é um mito grego, mas helenístico. O helenismo é fora de medida, e fora da medida há a decadência da perfeição grega. Amor e psique, por ser um mito helenístico, é narrado com a banalidade helenística.

O cristianismo, tão logo notou o aspecto da imortalidade-eternidade, assume essa figura da psique, vindo a transformá-la em alma (*anima eterna*). Mas esta aceção não fazia parte do cenário grego, dado que não admitia a eternidade, mas a tragicidade. Neste certame, designava o homem como o mortal, sendo que a morte fechava o ciclo vital. Podemos fazer alusão neste momento à imagem junguiana da alma feminina.

Malgrado seja um mito helenístico tem algo a nos dizer. Psique quer dizer alma. Aqui nos ocorre aquela intuição de Carl Gustav Jung, segundo a qual alma é um assunto feminino, no sentido que a mulher tem uma alma em nível consciente, ao passo que o homem a tem em nível inconsciente, ou seja, essa dimensão feminina, erótica. *Anima* não em sentido cristão, mas no sentido erótico (alma animal, alma sexualidade, alma sentimento, alma imaginação, alma idealização, alma sedução etc.). Isso é a aceção grega e junguiana. (Brandão, 1988, p. 56).

Tal questão até mesmo a genética e a psicologia nos asseguram, quer dizer, atestam que não existe um homem 100%, tão pouco uma mulher 100%. O percentual assegura entre 40% e 60%, o resto é uma questão de educação. Assevera que, o homem é homem em 60% e tem um componente de feminilidade de 40% na sua “constituição”. O resto fica a encargo da cultura. Assim, depois é progressivamente reduzido pela cultura, educação, exigência da sociedade que tem necessidade de sexo pleno e nunca de sexo oscilante, em razão de que a oscilação é tida como um distúrbio para a ordem social.

A diferença entre consciente e inconsciente consiste no fato de que o consciente é governado pelo eu. Ou seja, o ego é patrão do consciente. Assim, as mulheres que têm a

alma consciente se movem no mundo com bom conhecimento daquilo que é erótico, amor, sedução, idealização, paixão, enquanto o homem, havendo essa dimensão inconsciente, é o inconsciente quem age, logo, não governado pelo eu (ego). De modo que há uma diferença abissal da psique no homem e na mulher. (Brandão, 1988, p. 62).

Matematicamente, podemos aferir que o homem é um e a mulher “são duas”. Quando dizemos que a mulher é duas, não é uma soma de um mais um, mas um e outro. Dá-se que, a estrutura do feminino é a relação e não a identidade vista como interioridade. A mulher encontra sua identidade na relação, por isso, para uma mulher uma relação que acaba é uma espécie de aniquilamento da identidade, uma vez que a figura da relação para ela é essencial. Isso é biológico, já que seu corpo, a priori, é feito para dois.

Mesmo se não são mães, as mulheres têm uma disposição anatômica para a gestação, para outra vida, para além de si, ou seja, para dois. Significa que sua psique é para dois. É o dom do cuidado. Se não fosse esse dom a mulher seria incapaz de ter um filho, uma vez que ter um filho deforma o corpo, há o trauma do nascimento, supressão do sono etc. Porém, para elas a estrutura relacional é essencial. Nas mulheres a identidade é subordinada à relação. É por isso que as mulheres sabem amar.

Já no homem o primado é da identidade (individual). O homem tem relações, mas como consequência. Essas relações são subordinadas à identidade. Novamente, aqui precisar refrisar que, para conceber uma relação precisamos conceber o outro como um outro. Mas, para os homens isso é muito difícil, assim como para a cultura.

A mulher é vinculada à natureza (gestação). E o homem, desvinculado da natureza, não dispõe daquela relação dual. A mente do homem é modesta que, todavia, pode chegar em um nível de excelência. Sua mente é modesta porque conhece somente um canal de pensamento, que é o lógico-matemático, grosso modo. Este é, *verbi gratia*, o canal que funciona na escola. Já a mulher não tem somente esse canal, mas possui outras formas de compreensão do mundo. (Dantas, 2000, p. 78, grifo do autor).

A mulher dispõe do sentimento. O sentimento não é apenas o que se sente, mas é uma forma cognitiva. Sentimento não é a sensação, emoção, impressão. *Exempli gratia*, uma mãe entende um bebê neonato porque o ama. Um estranho perante este neonato não sabe o que ele (neonato) necessita. Se se ama uma pessoa qualquer palavra sua diz respeito, toca, mas se não ama, qualquer palavra sua passa inobservada. O sentimento, então, é

conhecimento, todavia, não procede de modo lógico-racional, e sim por via direta, empática.

Hoje há as neurociências, que são pseudociências. Elas encontraram o “órgão” dessa empatia, que seria o neurônio, mas recentemente a neurorradiologia começou a estabelecer que este neurônio não existe, já que não é absolutamente visível, enquanto outros neurônios o são. Mas a ciência prescinde disso, pois às vezes a ciência inventa fantasias para excitar o discurso, ao menos em nível literário, de compreensão média. De todo modo, as mulheres têm essa empatia.

Tem-se que, tudo que foge da ordem lógico-matemática é eleito pelos homens como loucura. A incapacidade do homem de entender a dimensão erótica é pelo fato de ter uma compreensão do mundo que não passa pela via sentimental, mas pela esfera racional. Já as mulheres são eróticas. O erotismo é um aspecto feminino. E é um aspecto da alma, como aduzido há pouco. (Dantas, 2000, p. 87).

A LOUCURA

Sobre a dimensão da loucura, o filósofo Platão entende que o mundo feminino é caracterizado pela dimensão da loucura. Na Grécia quem interpretava a palavra de Deus eram as mulheres (a intérprete de Apolo por exemplo). Cassandra (*Κασσάνδρα*) é uma mulher. Assim, a sacerdotisa de Delfos, bem como de Dodona eram mulheres. Platão dirá que as sacerdotisas de Delfos, Dodona e Górgona (*Γοργών/Γοργώ*) faziam um bem para a Grécia quando enlouqueciam (*μανία*), mais do que quando raciocinavam. Então, há uma loucura que intui como está o mundo e como deverá ser o mundo, o que a lógica racional não consegue fazer. Esta loucura Platão assegura que é peculiar à mulher, às sacerdotisas. Por exemplo, é Deus quem fala através do corpo de Cassandra.

Inicialmente, Platão explana sobre a loucura profética. Não se pode profetizar com a razão. Com a razão se prova, se faz cálculos estatísticos, se faz previsão a partir de dados estatísticos etc. Mas há a compreensão do futuro que não é racional, ou seja, uma compreensão profética do futuro. Profeta é uma palavra grega (*προφήτης*), que significa “falar no lugar de”. É neste senso que o grande poeta grego, autor de *Epinícios* ou *Odes Triunfais*, Píndaro (*Πίνδαρος*) se define como profeta. A profecia era muito importante

porque era a previsão do futuro conduzida com base irracional. E essas previsões eram verdadeiras. Tem-se que, Cassandra falava do futuro, mas não era creditada, e essa foi sua decadência.

De todo modo, profetizar é ser uma espécie de “funcionário” da palavra, da palavra de Deus, que vem além do olhar racional do homem. Essa profecia era fornecida pelo olhar além daquilo que está de frente, e por isso é possível ver o futuro. Neste contexto se cogitava procurar os cantores a fim de que pudessem, nos cantares, anunciarem o futuro. Isso é perceptível em Homero e em Demódoco (*Δημόδοκος*). No caso de Demódoco a musa o amava sobremaneira que lhe deu um presente bom e um mau: ela privou-o de seus olhos, mas deu-lhe um suave canto, ou seja, lhe tirou a visão para lhe dar adivinar com o dom do canto. (Montenegro, 2010, p. 446).

Esse é um modo não lógico-matemático, mas empático, erótico, afetivo, sentimental, sedutor, profético. O homem concebe essa dimensão como “loucura feminina”, entretanto, é, ao invés, um dos tipos de loucura que Platão conta como essencial para a boa condução da história.

A segunda loucura elencada por Platão é a iniciática. Concerne à loucura peculiar aos adolescentes. A adolescência é caracterizada pelo aparecimento da sexualidade, ou seja, do erotismo. Iniciática designa que, se faz uma passagem de uma visão do mundo em que a criança cresceu sem ser atrapalhada pelas paixões, a uma visão de mundo na qual surge o amor. Erótica não se acrescenta a uma visão de mundo como uma coisa a mais, mas a erótica vira de cabeça pra baixo a visão de mundo. Isto é, destitui a visão de mundo anterior para construir uma nova. Por exemplo, uma criança que ver o pôr do sol, ver apenas o pôr do sol, mas um adolescente que o ver, acompanhado de uma dimensão erótica, não ver apenas o pôr do sol que via quando criança. Tem outra dimensão, a erótica.

O aparecimento da sexualidade, então, traz uma mudança radical da visão de mundo. E isso conduz à crise. E neste momento o adolescente não entende o que está sucedendo, uma espécie de loucura em conexão com a dimensão erótica. E quando “coloca a cabeça no lugar” perde essa dimensão da loucura. Neste caso, os homens se defendem do componente feminino que há neles. Isso leva à mediocridade. Ou seja, se defendem dessa dimensão da loucura. Ocorre que, essa dimensão é a pré-condição para começar a criar e a pensar, pois com a razão não se cria, porque a razão é um sistema de regras inferior à

loucura. Então, se se quer criar alguma coisa precisa atingir a dimensão da loucura. Mas não pode atingi-la se não atingir a parte feminina. (Montenegro, 2010, p. 449).

Mudança da visão do mundo quer dizer crise (*κρίσις - εως,ή / Krisis*). Esta é uma palavra grega que quer dizer distinção, decisão, sentença, juízo, separação. Significa que se reformula o juízo sobre o mundo, que se tornou erótico. Erótico não designa, por exemplo, apenas quando se ver uma moça bonita que antes não era notada por falta de interesse, mas diz respeito ao fato de o mundo se tornar erótico, concernindo à paisagem para a dimensão erótica. Todo o cenário percorrido passa a ser erótico, de modo que tudo é condicionado pelo erotismo.

Neste senso, como na escola os jovens vivem na dimensão erótica, se os professores não navegam nessa dimensão resta muito difícil o aprendizado. Por isso, os professores precisam ser carismáticos, ou seja, eróticos. Essa é a dimensão do amor, que extrapola a dimensão lógico-racional. Platão dirá que não compreenderá senão por via erótica (*Τα Ερωτικά*). Por isso os alunos geralmente amam as disciplinas de acordo qual professor leciona. Logo, é o erotismo que desperta a mente.

A erótica é a pré-condição para a abertura da mente. Agostinho de Hipona dirá que é impossível chegar ao saber senão pelo amor (*non entrate in veritatis mise per caritatis*). De fato, o protocristianismo (primeiros séculos do Cristianismo) é uma religião do amor. É a religião do amor que se exprime por parábolas e não por preceitos, que é diferente dos escribas, fariseus, doutores da lei que abordavam de mandamentos e preceitos. Jesus Cristo falava por meio de parábolas. Parábola é uma palavra grega (*παραβολή*), que quer dizer falar diretamente com a pessoa. Por isso Jesus não se valia da lei, pois falava diretamente com as pessoas. Não era algo imposto. Ele falava uma parábola que remetia à outra coisa. Essa é uma das mais belas simbologias do amor.

A terceira loucura elencada por Platão é a loucura poética, artística. Os poetas sabem como dizer as coisas, pois transgridem a ordem racional continuamente, dando ênfase às palavras. Os poetas fazem as próprias palavras falarem. As palavras tornam eficazes quando pronunciadas pelos poetas. De todo modo, todos estão nos confins da loucura, em que as palavras transgridem seus significados e enamoram dos significados adjacentes.

Aí começa o jogo transgressivo. Neste senso é que Heidegger assevera que os poetas são os que mais arriscam, pois eles jogam perto da loucura.

Mas a mais excelsa loucura, dirá Platão, é a loucura do amor. À loucura do amor se chega por meio de três passagens que são chocantes para uma mentalidade masculina. Primeiramente temos que, o amor é loucura porque a erótica é loucura, é mania (*μανία*), dizendo respeito ao estado de loucura. O amor é loucura porque todos devem deslocar da racionalidade se quiser amar. Não se pode amar com a razão. Platão dirá que, se se quiser falar de amor se deve, necessariamente sair desse lugar (*μέρος*) racional, ou seja, deslocar para a linguagem erótica.

O amor não é uma coisa que se governa, mas é uma coisa que nos possui. Nós não dispomos do amor, como dispomos da vista, da linguagem etc., mas é o amor que dispõe de nós. Na iconografia do mito Eros e Psique, reportado acima, o amor lança a flecha, simbolizando que o amor é uma ferida. É uma violação da racionalidade, da identidade, do eu. É uma desestruturação do eu. De tal forma, o amor é verdadeiro quando se abandona a dimensão racional. (Trabattoni, 1994, p. 36).

Outra noção é o entusiasmo. Essa é uma palavra grega (*in + theos*, literalmente 'em Deus'). Quer dizer que dentro de ti fala um deus. Não é o eu quem fala na condição do amor. Mas é deus quem fala. Mas se trata do deus não racional, não tendo deus uma identidade. Tanto é que Zeus, para dar um exemplo, é pai dos deuses (*πατήρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε*, *patēr andrōn te theōn te*), mas é também touro, trovão, rio etc. Porquanto, amor é confusão, e não diz respeito apenas ao corpo.

O entusiasmo é, assim, um estado de passividade. Não é o “eu” quem fala, mas é deus (irracional) que fala dentro da pessoa. De fato, Platão diz que os amantes que passam a vida juntos não sabem o que quer um do outro. É um regime incompreensível do ponto de vista racional, logo, masculino. O tempo que os amantes passam juntos não é devido a um simples prazer carnal, mas eles têm coisas a serem ditas que não conseguem dizer facilmente por que a linguagem é fruto da racionalidade. (Trabattoni, 1994, p. 104).

Por isso se fala de modo enigmático e hermético. É a linguagem entre os amores. “Eu te amo” é uma proposição lógica, havendo sujeito, predicado e complemento. É entendível o que quer dizer, mas isso não basta quando se é enamorado, necessitando saber quanto ama, como se concilia essa declaração de amor com o comportamento, como são os gestos, que harmonia existe entre gesto, comportamento e palavras, linguagem e olhar

etc. É infinito o perguntar erótico. O amor é profusão de palavras, que são interrogações, um esforço para chegar à essência do amor, que com as palavras da linguagem racional é impossível. Então, se a dor é surda e muda, o amor é pleno de palavras. Mas jamais se conseguirá entender o amor, pois ele é justamente loucura.

Quando a pessoa é presa do amor, quando no mito aludido psique é enamorada de eros e este vai embora, a psique tenta o suicídio, depois fica louca, sem razão, sem o porquê, é possuída porque a paixão da qual é presa se foi. Quando se é presa da paixão não se tem governo de si mesmo. O outro, neste caso, levava consigo a alma (psique) da pessoa. (Trabattoni, 1994, p. 73).

Outrossim, como as mulheres são a essência do erotismo e o sujeito erótico por excelência, quando alguém leva a alma da mulher leva embora tudo. A partir daí a psique gira de lugar em lugar a fim de reencontrar eros. Levar a alma (psique) embora significa levar a parte essencial e vital da existência, porque a existência não vive porque raciocina, mas porque ama. Neste seguimento, só se pode viver se se ama e quando se é amado. Isso é o amor, e o resto é banalidade do amor. Neste senso, a pornografia não é erótica, pois não tem nenhum contato com a loucura.

O SONHO COMO TEATRO DA LOUCURA

A loucura é um constitutivo de todos. A loucura não é uma prerrogativa dos loucos. Claro que os loucos, não havendo nenhuma defesa, nenhuma censura, exprimem tudo aquilo que sentem, todas as paixões possíveis e imagináveis. Como a loucura nos habita em nosso profundo, é suficiente que a consciência de adormenta a noite que começa o teatro da loucura. Os sonhos são o teatro da loucura. Neles não funciona o princípio de racionalidade. Não funciona o princípio de contradição. Por exemplo, uma pessoa pode ser ela mesma ou outra pessoa ao mesmo tempo. Pode ser homem e mulher ao mesmo tempo, pode ser autor e espectador ao mesmo tempo, não tem causalidade e temporalidade, pois um sonho pode começar em Atenas e terminar em Istambul, *gratia verbi*. De qualquer maneira, sucede de tudo no sonho.

Neste propósito, se os analistas, antes de interpretar o sonho, entendessem que os sonhos são o lugar eminente da loucura, e educassem as pessoas a terem uma relação com a loucura antes fariam um trabalho brilhante. Mas, comumente os interpretam lançando mão do regime da razão. Tem-se que, todo o esforço psicanalítico não é outro senão reduzir a loucura, o irracional por meio da razão. Esse era o propósito explícito de Freud. Ele diz claramente que nós devemos fazer o trabalho que fizeram os holandeses, que tiraram a água do mar para fazer terra. Nós devemos, analogamente, secar o inconsciente para trazê-lo para o mundo da razão, do consciente. Secar a loucura é conduzi-la à

ordem da racionalidade. Esse foi o grande trabalho da civilização, dirá Freud. É o trabalho da racionalização. (Laing, 1982, p. 21).

A loucura mora em nós de maneira absoluta. Por exemplo, todas as manhãs quando acordamos experimentamo-la. Exatamente, todas as manhãs estamos encantados, não porque temos sono, mas porque devemos ainda voltar a nos governar. Nós devemos cultivar a loucura, porque se não temos uma relação com nossa loucura não chegaremos nem perto do amor.

Nós não conhecemos nossa loucura senão no sonho, ou seja, como é feita nossa loucura. Cada um de nós é diferente do outro, não por causa das regras da razão que são iguais para todos, mas pela loucura que colore nosso modo de falar, caminhar, comportar, comer, beber etc. Ou seja, somos diversos uns dos outros devido ao colorido que nossa loucura fornece ao uso comum do viver. Por isso somos diversos. Evidentemente, alguns ultrapassam e se tornam loucos em definitivo, e necessitam do medicamentoso, para voltarem à ordem da razão.

Ocorre que, para acessar a loucura precisamos dos outros, a fim de que revele a loucura em nós, que nos faça ver a loucura em nós, nos façam descobrir a loucura em nós. Se quando para fazer amor se tira as vetes é porque já estivemos já despidos, ou seja, já capturados na alma, na psique, já chegou antes a lâmpada da psique que faz ver a “face” do nosso subterrâneo. (Laing, 1982, p. 71).

O pudor, por seu turno, não é uma questão de veste ou roupa íntima ou algo do gênero, mas o pudor, que é o motivo pelo qual não fazemos amor com todos, refere que não fazemos amor com todos porque somente fazemos com quem nos já tenha capturado, já fotografado, espelhado nossa loucura. Pois, somos aficionados por quem nos faz ver a loucura. Por isso, quando alguém faz amor diz comumente a frase “me faz enlouquecer”, “com você perco a cabeça”. Somos aficionados pela nossa loucura, mas não a conhecemos. De tal modo, quando alguém nos faz ver nossa loucura geralmente nos apaixonamos por essa pessoa. Somos aficionados por esse espetáculo. Então, por meio dessa pessoa, podemos descer na nossa loucura acompanhados pelo outro. Ademais, a loucura é mais potente do que a razão.

A história do Cristianismo reza o ascetismo, o misticismo, que são tentativas solitárias de entrar na própria loucura e depois se emerge com uma visão mística, ascética, que são belas palavras para dizer sobre a loucura. Por exemplo, há casos em que a pessoa vê nossa senhora, fala com Jesus etc. Assim, santa Tereza de Ávila, um exemplo estupendo, diz a Jesus: “vem Jesus fornicar comigo em uma cama de espinho”. Esta é uma frase erótica, com um pouco de sadismo. Então, não se é religioso por via racional, a religião é um lugar de contenção do erótico, do “sonho”.

Se faz amor, então, com quem nos revelou nossa loucura. Depois de todo evento amoroso ou história de amor, nosso eu, ou melhor, nossa parte que governa nós mesmos, nossa racionalidade, o conceito que temos de nós mesmos não é o mesmo doravante. Pois eros transforma. A história de amor transforma, coloca em crise, em um estado de não possessão de nós mesmos, e pede uma regeneração. Nunca se sai de uma história de amor como era antes, porque o amor transforma esse poder, essa potência. E como a vida vive de regeneração, precisa sempre ser transformada. (Marcuse, 1981, p. 62).

A característica do enamoramento é o delírio. Basta ver o que os namorados dizem, para ver que é uma linguagem delirante. Por exemplo, quando alguém termina um namoro e depois de um tempo volta a ver o que escreveu no início do enamoramento logo percebe que era um delírio. O delírio é loucura, e se não delira não se pode enamorar. Não se pode enamorar raciocinando. Claro que há quem faz amor por raciocínio.

Por exemplo, por uma questão econômica, para sair de casa, para ter alguém na cama, ou por outras razões, mas quando se enamora precisa necessariamente delirar. (Fromm, 1971, p. 38). A linguagem dos enamorados é delirante, *gratia verbi*, “sem você o mundo acaba” etc., que não é uma frase racional, mas erótica. O enamoramento é o momento mais perigoso quando se fala de amor, isso porque a alma já não pertence à própria pessoa, mas ao outro que se ama. O outro a possui a alma do enamorado. A despeito, no amor há outra configuração, pois não há mais a possessão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, podemos inferir que, no amor há o governo de si. Não se é mais preso pela paixão, não tendo mais uma condição delirante própria do enamoramento. No amor tem sempre uma sorte de curiosidade, porque o outro não é nunca exaurido da compreensão. O outro continua sendo um segredo, de modo que o outro está sempre escavando o outro, com curiosidade, mas não consegue nunca capturar na inteireza.

Então, o amor é a capacidade de ser aficionado pelo segredo. Por isso, quando a pessoa está enamorada precisa ser um pouco prudente e conservar um pouco da identidade, o que propriamente se é, ou seja, não abrir totalmente a alma, pois a abertura total da alma faz com que depois, quando a pessoa fala, acaba qualquer curiosidade por parte do outro.

É necessário manter um pouco de segredo, mesmo porque na vida se progride. O progresso da vida determina a aquisição das experiências tal que pode fornecer o segredo desconhecido pelo outro e o outro ver a mudança e não deixa capturar, não descobrindo. Se alguém tem o gosto pelo segredo então se pode falar de uma dimensão de amor, que não é afetividade, não é consolação, não é serviço, não é tanto tempo que está junto, mas é o gosto da descoberta do outro. Para tanto, precisa que o outro seja percebido como um outro desde o início. Se o outro não é percebido como outro, seu segredo não interessa ao outro, pois assim o outro possui todo o segredo do outro. Por isso o amor é difícilimo.

Neste senso, o matrimônio, que é uma “obra de arte”, só o é quando se aprendeu a amar. O matrimônio pode ser comparado à escultura “Moisés” (*Mosè*) do artista renascentista Michelangelo, que continuava a escupir, nunca estando satisfeito, e quando chegou à perfeição pergunta à estátua por que não fala? Então, tinha alguma coisa de segredo naquele mármore. Ou se é capaz disso ou então se deve evitar o matrimônio, e não embarcar no amor, mas permanecer no nível elementar que são as paixões em que não precisa fazer nada, pois nas paixões alguém é presa de outro. Mas o salto grande é passar do enamoramento ao amor e, mais difícil, ao matrimônio, que agrada a espécie em vistas à conservação da espécie.

O amor tem a mesma estrutura da verdade. O que é a verdade? Se eu digo “Deus existe” não digo uma verdade, mas um ato de fé. Que Deus existe pode se tornar uma verdade, todavia, quando se é capaz de negar todas as objeções sobre a existência de Deus, pois se houver uma somente que vence, esta será a vencedora, e a tese de sua existência não funcionará mais. Ou seja, dizer que Deus existe somente é verdade se se é capaz de negar todas as possíveis refutações da existência de Deus. Pois se uma negação apenas resta em pé, esta vence.

Todavia a negações da existência de Deus não são apenas aquelas já definidas na história, mas todos os dias pode nascer uma negação da existência de Deus. Por exemplo, a ciência

produziu diversas, assim como a biologia molecular, a astronomia etc., ou seja, esta é uma guerra infinita. Logo, o amor, por analogia, é guerra na qual se deve vencer todos os adversários que pode ganhar se se o outro abaixar a guarda.

Enfim, o amor não é uma coisa tranquila, não é uma sorte de ataraxia (*Ἀταραξία*) da alma, ou uma espécie de perspectiva de garantia do futuro, nem tampouco uma paixão. Mas o amor é uma guerra, que tem a mesma estrutura da verdade, que deve vencer todas as suas negações. Então, se alguém é capaz de fascinar além de todas as possíveis fascinações, e vise versa, naturalmente, então se pode dizer “te amo”, havendo uma conexão entre as pessoas envolvidas no amor, na relação.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

DANTAS, A. D. R. **O amor no feminino**: ocultamento ou revelação. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia; Universidade de São Paulo: São Paulo, 2000.

FROMM, E. **A arte de amar**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1971.

LAING, R.D. **O Eu dividido**. 4 ed. Petrópolis, Vozes, 1982.

MARCUSE, H. **Eros e Civilização**. 8 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

MONTENEGRO, M. A. P. ‘Peri physeos psyches: sobre a natureza da alma no Fedro de Platão’. **Kriterion**. Belo Horizonte, Departamento de Filosofia da UFMG, jul a dez de 2010, v. 122, p. 441-458.

TRABATTONI, F. **Scrivere nell’anima**: verità, dialettica e persuasione in Platone. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1994.

ULLMANN, W. **Escritos sobre teoría política medieval**. Buenos Aires: Eudeba, 2003.